

OTÁVIO AUGUSTO DE FARIA CORREIA

A 11 de março de 1881, nascia OTÁVIO AUGUSTO DE FARIA CORREIA em São Gabriel, a "sorridente cidade" plantada à margem do Vacaraí. Seu pai, ACÁCIO FARIA CORREIA, ardente patriota, fez como voluntário a campanha do Paraguai, de onde regressa com galões de oficial pelos relevantes serviços prestados à pátria. Dona ENGRÁCIA EUGÊNIA JOBIM FARIA CORREIA, sua mãe, pertencia a família ilustre, e tinha como tios o barão de CAMBAÍ e o Dr. FRANCISCO MARTINS DA CRUZ JOBIM, senador do Império, médico de grande notoriedade, formado pela Escola de Montpellier e um dos fundadores da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Tendo perdido a mãe logo ao segundo ano de vida, OTÁVIO fôra então criado e educado pela sua "saudosíssima avó", senhora de virtudes acrisoladas e antiga tèmpera, dona JACINTA DE OLIVEIRA PINTO, a qual como escreve "um amigo" e biógrafo de OTÁVIO, lhe inspirara um conceito sério da vida, baseado nas verdades da religião a que muito deve o Rio Grande a sua grandeza.

Passou OTÁVIO a infância e a meninice embebendo o seu tenro espírito nas tradições de glória militar e de elevado civismo daquele torrão dos MENA BARRETO e dos CANDIOTA, agora ainda mais ilustre pela glória dos feitos das armas brasileiras na Itália, sob o comando supremo do bravo gabrieliense general MASCARENHAS DE MORAIS. Revelando acentuado pendor para o estudo, OTÁVIO bem cedo deixava a sua pequena cidade para matricular-se na Escola Normal, em Porto Alegre, cujo curso concluiu; e, impregnado o subconsciente das tradições militares da terra natal, ingressa em seguida na Escola Militar, onde, pelo talento e aplicação invulgar, consegue terminar os exames preparatórios com honrosa distinção. Passando depois para o curso superior, não lhe fôra ensejado terminar o primeiro ano letivo, em virtude de sua pouca resistência física. Obtém baixa do Exército, alimentando contudo o propósito de formar-se em engenharia civil, a que teve, intelentemente, também de renunciar, porque o seu estado de saúde não lhe permitia dedicar-se, como convinha, ao intensivo trabalho intelectual que demandavam as disciplinas do curso.

Ingressa então na vida prática. Começa por lecionar aritmética no conceituado ginásio de Pelotas, ao mesmo tempo que, induzido pelos nobres impulsos do seu altruísmo, abre uma escola noturna, de ensino gratuito. Segundo informa o citado biógrafo, OTÁVIO, "lastimando a falta de instrução na campanha" e seguindo a "inspiração do seu coração generoso", exonera-se do cargo de professor do ginásio em Pelotas, para abrir, com alguns amigos, um colégio em Santa Vitória do Palmar. Após um ano de "duro lidar" e impellido pelos rigores de clima intenso à sua delicada saúde, deixa o magistério e transfere-se definitivamente para a capital do estado, onde, por feliz ensejo, lhe cabe dirigir os serviços da Estatística.

A PRIMEIRA EDIÇÃO DO "DICIONÁRIO GEOGRÁFICO". PRECURSORES

Foi em 1907, durante a sua breve estada em Pelotas, que OTÁVIO, em colaboração com o eminente publicista JOSÉ GONÇALVES DE ALMEIDA, compõe e edita o "Dicionário Geográfico", que, pelo seu indiscutível mérito, é premiado com medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908. Esgotando-se rapidamente a primeira edição desse valioso trabalho, que OTÁVIO modestamente classifica de simples apontamentos para um dicionário geográfico do Rio Grande do Sul, a segunda, correta e muito desenvolvida, com copiosa estatística e preciosas notícias históricas dos municípios e núcleos de população, vem à luz, em 1914.

Em sua dedicatória, são por OTÁVIO evocados, entre vários outros nomes de relêvo nas letras, na política e no magistério sul-riograndense, três que merecem aqui destacada lembrança, por terem sido, sem dúvida, valiosos precursores da sua obra: — JOSÉ ELUTÉRIO DE CAMARGO, cujos quadros estatísticos constituem o primeiro ensaio de estatística sistematizada do Rio Grande do Sul e que me foram também de muita valia na confecção do Retrospecto econômico e financeiro, publicado em 1922; — ARAÚJO e SILVA, o autor do primeiro dicionário geográfico da então Província do Rio Grande do Sul, trabalho esse que data do ano de 1861 e cujas deliciações, especialmente no que concernia à parte política e administrativa, justificavam por si sós a publicação da obra de OTÁVIO, se outros títulos de real merecimento não a tivessem consagrado no aprêço público; — EUDORO BRASILEIRO BERLINCK, autor da primeira corografia do Rio Grande do Sul, vazada em estilo descritivo, agradável, atraente e adequado ao ensino, por se não cingir, como outros trabalhos desse gênero, a uma nomenclatura fastidiosa e árida. Merecera do professor FERNANDO FERREIRA GOMES, notável educacionista de tão grata memória, justo encômio, ao declarar que poucas obras didáticas encontrariam tanta utilidade, recomendando-se sobretudo pela clareza e pelo método. Substituiu-lhe, nas aulas públicas do estado, a geografia de HENRIQUE MARTINS, convenientemente atualizada — é certo, mais desenvolvida — é exato, mas em estilo menos atraente e tendo a desbravar-lhe o terreno o meritório trabalho de BERLINCK.

O GEÓGRAFO E A MODERNA ORIENTAÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.
A SEGUNDA EDIÇÃO DO "DICIONÁRIO" MONOGRAFIAS MUNICIPAIS

Já se deve considerar de todo banida a época em que a geografia não passava de simples nomenclatura sem vida, matéria como que inventada para torturar a memória. Observa justamente PALAN VIEIRA, no prólogo à tradução castelhana da "Geografia Humana" de HENDERSON, que "o espírito moderno, impregnado de um profundo sentido do humano, exige algo mais do que listas de cidades e cabos ou de áridas colunas de números. Precisamos saber o que há de significar para nós, homens, essas cordilheiras que nos detêm, esses mares que nos atraem, essas regiões remotas e exóticas que conhecemos pelo seu aspecto pitoresco, esses grandes rios a cujas margens se levantam enormes cidades. Queremos indagar as causas que mantêm a uns povos na miséria e que elevam outros às culminâncias da opulência e do progresso. Queremos conhecer o que deve a vida de um povo ao ambiente em que se desenvolveu e o que devemos atribuir ao seu livre estôrço;

em uma palavra: a exigência estriba-se no conhecimento das relações existentes entre a atividade humana e os fenômenos da geografia física”

É essa a orientação de OTÁVIO, conforme éle próprio declara no “Proêmio” de sua monografia sobre o município de Taquari: “No simples estudo que esbocei, — escreve éle, — manifesta-se, como cumpre, o magno problema referente às cogitações de modo bipartido: estudo do mundo e o estudo do homem. Verifica-se, ainda aqui a subordinação necessária do fenômeno mais nobre ao mais grosseiro: a subordinação da sociologia à cosmologia. Compare-se, por exemplo, a vitalidade da região descrita com a de outra em que as condições climáticas sejam menos propícias; verifiquem-se as condições econômicas, etc.; assim, poder-se-ia mostrar grande número de exemplos, verificando sempre que as nossas condições de existência física, intelectual e moral são sempre dependentes de condições cosmológicas”

Não se estuda a Terra pela Terra, mas pelo Homem. A geografia, no bom sentido, é bem a ciência das condições da existência do homem. E é pelo mau conhecimento da ciência geográfica que se explica o equívoco de certos povos, para os quais, como observa ELISEE RECLUS, são inferiores e desprezíveis os seus vizinhos: os estrangeiros são tratados de “surdos”, “mudos”, “idiotas”, “monstros”, “sujos”, “demônios”. Os próprios chineses, que sob tantos aspectos formam, há séculos, um dos povos mais interessantes do globo, não se contentavam em considerar o seu belo país o “Império Celeste”, “Flor do Meio”, mas a si próprios se designavam, com ares de divina superioridade, “Filhos do céu”. As outras nações espalhadas em torno do Império, eram, para éles, em número de quatro: os “Cães”, os “Porcos”, os “Demônios” e os “Selvagens”; ou, tout court, os “Imundos” do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste. E não é preciso acrescentar que foi por idêntico erro palmar que um grande povo da Europa está-se vendo agora total e irremediavelmente perdido.

A geografia, bem compreendida, assume imensa importância e entra, como salienta o esclarecido espírito de ALFREDO ELLIS JÚNIOR, para o quadro das necessidades culturais dos estudantes de direito, “— os futuros estadistas, a grande parte dos quais irá por certo orientar a governação do Estado”. O “Dicionário Geográfico”, de OTÁVIO, longe de construir mero inventário ou lista, por ordem alfabética, de palavras, como o seu significado meramente fisiográfico, segue a orientação científica moderna. No “dicionário” palpita a imagem do Rio Grande do Sul, em grandiosa tela, em que serpenteiam as águas remansosas de suas correntes fluviais; desfilam as pérolas do belo colar de seu sistema lacustre; ondulam as curvas de suas coxilhas grandiosas; se elevam, como nas paisagens clássicas da Grécia, as suas cordilheiras azuladas, proporcionais ao homem, que o encantam sem que o esmaque; se estendem as suas pradarias esmeraldinas, como alfombras sem fim; cintila o estelário de seus centros populosos, com as suas escolas, as suas indústrias, o seu comércio, as suas artes. Nêle, OTÁVIO imprime animação e vida aos fenômenos geográficos que cataloga, completando os mais importantes com preciosos elementos demográficos, abundantes dados econômicos e elucidativas notícias históricas. Torna-se destarte um livro de consulta obrigatória para o cientista, o professor, o administrador, o estadista.

A segunda edição do “Dicionário”, que denominou “Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico”, obra de grande envergadura, por si só lhe perpetuaria o nome, se outros trabalhos, com a mesma orientação, não o recomendassem à memória dos pósteros, como as apreciáveis monografias que escreveu sobre os municípios de Taquari, Lajeado, Júlio de Castilhos, São Gabriel, Itaqui, Santana do Livramento, além da sua “História da divisão administrativa do Rio Grande do Sul” e a abundante contribuição estatística.

O ESTADISTA A ESTATÍSTICA, CIÊNCIA POR EXCELENÇA DEMOGRÁTICA

Ao ingressar na repartição de Estatística do estado, OTÁVIO desenvolve extraordinária atividade e revela uma nova vocação do seu espírito metucioso e poliédrico. O processo estatístico acorda os seus antigos pendoros matemáticos e o empolga. Para éle, a estatística é uma cousa séria, orientada por princípios científicos ou, melhor dito, uma vera ciência; porque é preciso não confundir a estatística com um mero amontoado de números.

A importância da obra de OTÁVIO nos domínios da estatística emerge dos trabalhos que os relatórios da sua repartição encerram. Por éles se vê que OTÁVIO sabia muito bem fazer “abrir a boca” aos números. E sua inteligente operosidade nesse setor atraía sobre seu nome a atenção geral. A sua competência nessa matéria impusera-se à confiança do governo, que o fez diretor do recenseamento levado a efeito em 1922. E os seus serviços aí foram notáveis, exercendo-os como um apostolado.

Já em 1912 na sua citada monografia éle invocava, a propósito, êstes conceitos do conselheiro CAMARGO: “A instintiva repugnância que todas as classes da sociedade manifestam em ministrar os dados e informações que devem servir de base, segundo pensam as classes menos letradas ou ilustradas, a novos ônus impostos aos povos pelos governos, e, segundo as classes mais ilustradas mesmo, com uma desnecessidade ou uma impertinência que afeta as relações do lar doméstico, é a causa primordial do atraso dêste ramo da ciência em todos os países do mundo”. A propaganda ativa e convicta, porém, de OTÁVIO, ao mesmo tempo que persuadira a população da necessidade e relevância do censo, dissipava aquêle inveterado preconceito, que o entevia como arma de opressão multiforme nas mãos do governo. Quanto se empenhou, — diz o seu biógrafo —, para que o censo saísse perfeito! Como animava em toda parte e como excitava o patriotismo de seus auxiliares. As demasias de seus empenhos prostraram-no, mas não o desanimaram. Até o último dirigia os trabalhos, lastimando mais de uma vez o descuido que havia em mais de uma parte. E o recenseamento se processou com interesse e entusiasmo popular.

ESTATÍSTICA, GEOGRAFIA & LITERATURA:

Conquanto o “Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico” (cujos originais para a terceira edição o autor deixou concluídos) bem como as monografias municipais se encontrem cheias de explanações históricas, OTÁVIO DE FARIA foi por excelência geógrafo e estatístico.



Octavio Augusto de Faria

Geógrafo e estatístico, porém, o seu nome não está deslocado, ao ilustrar e honrar qualquer cenáculo literário. Quando acreditamos na aversão das letras pela estatística, como aritmética política e social, deixando-nos levar, segundo observa o notável belga QUETELET, pelo hábito de considerar os matemáticos como cavalheiros situados fora dos domínios da imaginação, ao passo que talvez não exista nenhum ramo dos conhecimentos humanos que exija maior desenvolvimento dessa faculdade para a consecução de importantes descobertas. Aí estão o cálculo infinitesimal; a teoria da relatividade, de EINSTEIN; o espaço a quatro dimensões e todas aquelas teorias matemáticas, condensadas em "As grandes fantasias da matemática" do professor MELO E SOUSA, da Escola de Belas Artes AMPÈRE (adita QUETELET) preludiva com poesias e pesquisas matemáticas as profundas concepções do físico e do filósofo; e JOÃO JQUES ROUSSEAU, chegando a Paris, só levava poesias e combinações matemáticas que pretendia introduzir na arte musical. Na "Física Social" do próprio QUETELET, concorre a imaginativa com o seu apreciável coeficiente, quando, com base nos estudos estatísticos, concebe uma espécie de preordenação por bem dizer divina nos movimentos demográficos, e na qual procuram alguns apoiar a teoria do determinismo e outros o próprio fatalismo.

Por outra face, ESTRABÃO, o maior geógrafo do áureo século de AUGUSTO, sustenta, va que o divino cantor da "Ilíada" fôra o mais antigo dos geógrafos do mundo, pois nas suas estrofes imortais descreveu todos os mares e, em particular, cada lugar da Terra conhecida; e quando, falando de Tebo, dizia que êle nasce no oceano e no oceano se extingue cada dia e que as estrêlas se banham no salso elemento, HOMERO não empregava uma figura de retórica, mas perpetuava na sua admirável epopéia a prisca crença dos povos do seu tempo, — a crença que, ainda na última centúria anterior a Cristo, induzia os povos estanciados nas cercanias do cabo Sagrado (o cabo São Vicente, de nossos dias) a sustentar que, no instante em que o sol aundava no oceano, ouviam um chiado semelhante ao de um ferro em brasa que mergulhasse n'água.

Aí temos a geografia na maior intimidade com a literatura e em especial com a poética. O mais que se poderia objetar é que os geógrafos têm sobre os poetas, como sobre os filósofos, a vantagem de não se poderem tachar seus trabalhos, nem de frívolos, nem de perigosos. Mas, como VADIANUS, outro geógrafo, diremos que é também próprio da geografia, como da literatura, encantar o espírito. Que, neste particular, o digam os livros dos grandes geógrafos como "Nouvelle géographie universelle" de RECLUS, e a monografia de OTÁVIO sobre Taquari, cujo estilo, pôsto austero com o seu caráter é eskorreito, plástico, atraente, agradando como obra de ciência e como lavor d'arte.

Além do mais, — e o que é substancial, no caso —, é sem contestação, OTÁVIO DE FARIA um genuíno expoente da cultura do Rio Grande do Sul. E isto basta.

A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL — CONCLUSÃO

Encontrava-me dirigindo o Arquivo Público do Estado, onde havia organizado uma secção de História e iniciado a publicação da "Revista" destinada à divulgação metódica dos mais importantes documentos ali recolhidos e conservados, quando se me apresentaram, numa tarde do mês de junho do ano de 1920, três já consagrados cultores das nossas tradições, — o futuro general EMÍLIO FERNANDES DE SOUSA DOCA, então primeiro tenente, AURÉLIO PÔRTO e OTÁVIO AUGUSTO DE FARIA. Vinham animados de um ideal, cuja concretização encareciam como da mais alta significação e do maior interesse para a cultura sul-riograndense: tratava-se da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Elementos não faltariam; nem meios de realizá-lo (tão pouco); era só questão de boa dose de civismo e uma pouca de boa vontade (diziam) a oportunidade era palpavelmente auspiciosa, atento o interesse que vinha despertando no espírito público a organização oficial do arquivo histórico e a publicação da "Revista" em referência.

No mesmo instante ficou resolvido e assentado pôr mãos à obra e a 5 de agosto seguinte se realizava a primeira sessão preparatória, tendo sido OTÁVIO nessa ocasião aclamado secretário. Como bem observa um biógrafo seu amigo, "fôra êle quem teimara em realizar a fundação do Instituto, espalhando a idéia, alisando as dificuldades, com tinte por alcançar o que lhe parecia de tanta monta para o engrandecimento de sua terra. A êle pertencia nos meses de sua doença todo o seu cismar e sempre novos planos engendrava para promovê-lo de todos os modos ao seu alcance".

Não lhe foi dada a felicidade de contemplar já realizada a idéia que tanto acalentara no seu coração, pois expirava a 3 de fevereiro de 1921, aos 39 anos de idade; mas o seu espírito revive luminosamente naquela conspícua instituição cultural.

De seu natural retraído, avêso a divertimentos mundanos, distraído-se com visitas aos amigos e com lições particulares a moços pobres, consagrava-se êle ao trabalho, com o pensamento nobremente voltado para a Pátria, para o Rio Grande, para a "sorridente cidade" do seu berço. Para brindá-la, insculpe no frontispício da sua magna obra, — o "Dicionário", a sua dedicatória vazada na sugestiva evocação de RAUL POMPEIA: "O sol do céu que primeiro nos aqueceu, nós o amamos como um velho antepassado, benigno patriarca feito luz para sempre. A torre branca da aldeia humilde em que nascemos e como a avózinha, carinhosa e sabedora de muitos conhecimentos encantadores de outro tempo, que nos conta pelas manhãs claras de domingo quando o sino chama, ou com as orações do bronze de Angelus". É o próprio OTÁVIO quem declara ser o sentimento o inspirador de sua obra de ciência, quando, num passo de sua já referida monografia, traça esta frase lapidar: "Como sôí acontecer tôdas as vezes que a ação se exercita no desempenho de uma causa merecedora de encômios, procurei seguir o lema precioso que simboliza a subordinação lógica da atividade e inteligência ao sentimento". Traduz, aliás, noutros termos, o célebre apotegma de VAUVERNAGUES, ao conceituar que os grandes pensamentos nascem do coração.

Estudando, perquirindo e procurando conhecer cada vez mais a corografia do "seu" Rio Grande, como que professava "o feiticismo do território, que determina a exaltação e cria a disciplina patriótica dos povos". A sua obra constitui, em seu conjunto, a mais valiosa contribuição para o conhecimento deste recanto da Terra, — da Terra tão generosa, que, na expressão de ELISEE RECLUS, tudo nos fornece e sobre a qual será tão belo vivermos todos como irmãos.

FLORÊNCIO DE ABREU, (Des)